



Ponencia presentada en el “Tercer Fernandes de Alencar, A. (2007). O Encuentro en línea de Educación y carácter educativo da experiência de software Libre” EDUSOL 2007.

<http://bine.org.mx/edusol/e2007>

Con un licenciamiento del tipo:



Atribución-No Comercial- No Derivadas

migração do Instituto Paulo Freire para software livre. En memorias electrónicas del Tercer Encuentro en línea de Educación y Software Libre [En línea]. México: Instituto de Investigaciones Económicas, Proyecto Investigación Psicoeducativa y Biné: La Comunidad Académica en Línea. [Consultada: Debe usted especificar la fecha de consulta]. Disponible en Internet:

<http://bine.org.mx/edusol/e2007/ponencias/sleninstitutofreire.pdf>

O caráter educativo da experiência de migração do Instituto Paulo Freire para software livre.

Tipo de Trabalho: Apresentação.

Dados dos Autores:

1) Nome: Anderson Fernandes de Alencar

Titulação: Pedagogo e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Endereço de Trabalho: Instituto Paulo Freire (Brasil – São Paulo - SP)

E-mail: alencar@paulofreire.org

Resumo do Trabalho:

Este trabalho é resultado de pesquisa no intuito de refletir acerca de uma proposta de migração do software proprietário para o software livre que contemple elementos do pensamento do filósofo Álvaro Vieira Pinto e do educador Paulo Freire. O texto apresenta a opção do Instituto Paulo Freire, instituição que o próprio Paulo Freire acompanhou desde a sua fundação, pelo software livre. Como metodologia foi escolhido o estudo de caso da experiência de migração para software livre. O pesquisador foi capaz de acompanhar toda a gênese da proposta, sua maturação, seu desenvolvimento e uma de suas últimas ações. A experiência foi relatada de modo sintético neste trabalho. Em continuidade a investigação e no intuito de angariar elementos que viessem a dar corpo para uma nova proposta de migração e para a reflexão da própria experiência vivida, foram submetidos questionários aos migrantes, os quais deram fortes contribuições para se repensar a experiência bem como para pensar uma nova. Ao final, foi possível concluir que a experiência do Instituto está de acordo com os princípios freirianos que defende, que a experiência de migração para software livre é uma experiência essencialmente pedagógica, daí o necessário envolvimento dos educadores e o imprescindível papel da formação em todas as práticas da migração.

Palavras-chave: Software Livre, Migração, GNU/Linux, Paulo Freire, Pedagogia.

Texto do artigo:

Este trabalho é resultado de pesquisa em nível de mestrado que teve por objetivo geral refletir acerca de uma metodologia de migração do software proprietário para o software livre que contemplasse elementos do pensamento do filósofo Álvaro Vieira Pinto e do educador Paulo Freire, buscando ainda apresentar elementos teórico-práticos relevantes para uma proposta de migração, no intuito de constituir o desenvolvimento de uma Pedagogia da Migração para o GNU/Linux. Esta pesquisa teve por objeto a migração para GNU/Linux em uma perspectiva freiriana. Buscamos refletir como, a partir destes pensadores, podemos pensar a experiência de migração em curso no

Instituto Paulo Freire, e ainda ousar na proposição de uma nova a partir da releitura da experiência curso, no esforço de constituição de uma **Pedagogia da Migração**. Enfim, foi no intuito de contribuir com a resposta à pergunta do **como** fazer, **como** migrar, em uma perspectiva emancipadora, dialógica, educativa, que foi desenvolvida esta pesquisa.

O desenvolvimento deste trabalho pressupôs reflexão teórica a partir das referências bibliográficas sobre o assunto e também um estudo de caso (a experiência de migração do Instituto Paulo Freire) por meio do qual pretendeu-se apresentar sugestões, propostas e indicações concretas, unindo princípios freirianos à sua aplicação na experiência de migração no Instituto.

Devido à extensão de todas as atividades que envolveram a migração no Instituto Paulo Freire para software livre, neste artigo focaremos a apresentação de um plano geral de toda a experiência de migração da instituição, sem a pretensão de aprofundamento em tópicos específicos.

1 O INSTITUTO PAULO FREIRE E A MIGRAÇÃO PARA SOFTWARE LIVRE

O Instituto Paulo Freire (IPF) é uma organização não governamental (ONG) que Paulo Freire acompanhou desde a sua fundação. O Instituto é organizado em três movimentos: o Movimento de Educação de Adultos, o Movimento da Escola Cidadã e da Educação Popular. Além das ações específicas de cada movimento, o IPF faz parte do comitê executivo formado por nove instituições, responsável pelo Escritório do FSM. Faz parte, junto com o Clacso (Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales), da secretaria executiva do FME, e por fim, é responsável pela Secretaria Geral da Comissão de Educação do Clacso.

O IPF, motivado por sua própria direção e pelas experiências trocadas com pessoas, grupos e instituições durante o Fórum Social Mundial, foi tomando conhecimento da perspectiva filosófica do Software Livre, buscando paulatinamente meios, mesmo sem saber o COMO, para que sua opção pelo Software Livre fosse transformada em prática já que a instituição tinha plena concordância com os pressupostos político-filosóficos.

É apoiado em alguns dos princípios que regem o Movimento do Software Livre (construção coletiva, colaboração, democratização da informação, luta pelo acesso etc), que o IPF assume a difícil e desafiadora tarefa de realizar a migração de seus softwares proprietários para softwares livres. O Instituto realizou quatro tentativas de migração para o software livre.

A quarta e última inicia-se, de modo planejado e cuidadoso, com um diálogo com o professor Sérgio Amadeu que foi acompanhado por Carlos Cecconi no próprio Instituto. Sabia-se, agora, que a sensibilização/conscientização era o primeiro e crucial momento da migração, por isso não se queria desperdiçar a oportunidade de ter conosco atores tão relevantes na defesa do Software Livre no Brasil. Nesse mesmo período estava em construção o Plano de Migração da Instituição.

Ao final das falas, a direção geral do Instituto Paulo Freire fez uma fala institucional em que reafirmou ser o Instituto totalmente a favor de tudo aquilo que os palestrantes haviam dito, mas ponderou a questão do COMO, repetido muitas vezes depois por outras pessoas: “concordamos com a filosofia, mas o COMO é o nosso problema”, “já tentamos e não conseguimos, o que devemos fazer?”. No encerramento do encontro, o que restou à equipe de informática era pensar o COMO essa migração iria acontecer... Esta pesquisa veio exatamente ao encontro dessa dificuldade.

2) MAS, E AGORA? COMO MIGRAR?

No intuito de dar resposta à demanda colocada, inicialmente foi realizado um estudo da obra de Paulo Freire visando encontrar, nestes, referências ou reflexões acerca da tecnologia. Em seguida foram extraídas e categorizadas, por meio de temas geradores, suas falas. Somado a essa pesquisa, também foi estudado o pensamento de Álvaro Vieira Pinto sobre a tecnologia em seu livro “O Conceito de Tecnologia” que além de ter trabalhado junto com Paulo Freire, partilhou da sua teoria, sendo até considerado mestre pelo educador.

Em um segundo momento, foram realizadas leituras referentes ao software livre, no intuito de refletir as suas contribuições ao estado da

tecnologia no contexto atual e a sua importância no campo político, econômico, filosófico, social e tecnológico.

No terceiro momento, o pesquisador esteve envolvido em todo o processo de migração do Instituto Paulo Freire, documentando integralmente a experiência, contribuindo nas definições da equipe de migração, refletindo com o grupo a forma da experiência incorporar na sua totalidade os pressupostos filosóficos de Paulo Freire, e ao mesmo tempo, envolvido no processo de migração, como um participante. A documentação da experiência foi realizada por meio de anotações para salvaguardar o histórico do processo. Foram feitos levantamentos documentais como textos, fotos, relatos orais, registro de *e-mails* enviados no processo, gravação em vídeo dos eventos de maior relevância, conversas com os componentes da equipe de migração, depoimentos dos participantes da experiência, entre outros.

No quarto momento, depois de um processo de validação, – que foi realizada por meio das respostas de um grupo teste de cinco pessoas - foi enviado a mais de cinquenta pessoas da instituição um questionário com oito questões, em sua maioria questões abertas, e também de múltipla escolha, que objetivava identificar a “freirianidade” da experiência, os elementos que contribuíram para o processo inicial de uma mudança de cultura, de pensamento e de ação, e ainda, no intuito de identificar as aprendizagens referentes ao software livre, entre outros. Os questionários foram sistematizados por meio do uso de temas geradores que agrupavam as respostas dos migrantes. A partir da experiência da instituição e desta sistematização foi possível, relendo o processo, elencar elementos para uma Pedagogia da Migração para GNU/Linux, pedagogia que se fundamenta no referencial teórico do educador Paulo Freire. Estes deram fortes contribuições para se repensar a experiência já vivida quanto para pensar uma nova.

Foram trinta e dois migrantes que responderam ao questionário. O grupo que respondeu foi muito variado contando com pessoas que acompanharam a experiência de migração desde o começo, outros que chegaram com a experiência em curso, pessoas da equipe de migração, pessoas com fortes resistências ao software (não ao movimento), enfim, um grupo misto, por isso extremamente rico. O questionário tinha por objetivo identificar as mudanças

cognitivas e culturais ocorridas nos participantes da experiência de migração por meio das diversas ações da migração e do seu contato com o software livre.

A experiência de migração do Instituto foi organizada em cinco fases. Cada uma delas com um período pré-determinando e com ações previstas. Todo o planejamento da experiência de migração esteve sistematizado em um documento que chamamos de Plano de Migração, que previa todas as fases, ações, atividades, encontros que viriam a acontecer durante o período de migração para software livre. As fases, de modo muito conciso, foram sistematizadas no quadro que segue abaixo. Em seguida, discutiremos brevemente sobre cada uma das ações da migração.

FASES DA MIGRAÇÃO PARA GNU/LINUX NO INSTITUTO PAULO FREIRE		
FASES	PERÍODO	PRINCIPAIS AÇÕES
1ª	1 de dezembro de 2005 a 23 de junho de 2006.	a) Sensibilização com Sérgio Amadeu. b) Elaboração do Plano de Migração. c) Encontro de avaliação do Plano de Migração. d) Constituição da Equipe de Migração.
2ª	26 de junho de 2006 a 25 de outubro de 2006.	a) Construção de material didático acerca do pacote BrOffice.org e Gimp. b) Instalação do pacote BrOffice.org. c) Oficinas do pacote de BrOffice.org e Gimp.
3ª	26 de outubro de 2006 a 12 de julho de 2007.	a) Encontro de avaliação da 2ª Fase. b) Retirada no <i>MS Office</i> e Instalação de Mozilla Firefox e Thunderbird. c) Construção de material didático acerca do sistema operacional livre Kubuntu.
4ª	13 de julho de 2007 a 30 de setembro de 2007.	a) Evento de abertura da 4ª Fase. b) Retirada do <i>MS Windows</i> e Instalação do GNU/Linux. c) Oficinas do GNU/Linux (Kubuntu).

5ª	Mês de Outubro.	a) Avaliação da migração.
----	-----------------	---------------------------

1º Fase:

a) Sensibilização com Sérgio Amadeu: toda a equipe interna da instituição foi convidado para participar, durante o período da manhã, de um diálogo com Sérgio Amadeu e Carlos Cecconi acerca do software livre, seu movimento e dos direitos autorais, *copyleft*.

b) Elaboração do Plano de Migração: a equipe de informática desenvolveu a primeira versão do Plano da instituição.

c) Encontro de avaliação do Plano de Migração: o Plano de Migração desenvolvido foi enviado a todos os coordenadores, que se reuniram com suas equipes para sistematizar contribuições para o Plano de Migração. Estas contribuições foram apresentadas e discutidas, durante o período da tarde, no encontro acerca do Plano de Migração.

d) Constituição da Equipe de Migração: ao final do encontro de avaliação do Plano de Migração, os presentes que tivessem interesse, foram convidados a dar contribuições mais efetivas na equipe que se constituía que chamamos de equipe de migração.

2ª Fase:

a) Construção de material didático acerca do pacote BrOffice.org e Gimp: como forma de preparação para as oficinas que seriam dadas em seguida, foram preparados ao todo quatro apostilas que tratavam dos programas do pacote de escritório livre, o BrOffice.org (editor de texto - Writer, planilha de cálculo - Calc, criador de apresentações – Impress) e a última do programa editor de imagens, o Gimp.

b) Instalação do pacote BrOffice.org: foram instaladas em todas as máquinas da instituição o pacote de escritório livre. Os migrantes tiveram a oportunidade de manter o uso do pacote de escritório proprietário, *MS Office* (Word, Excel, Powerpoint, Access), enquanto apropriavam-se da “nova tecnologia”.

c) Oficinas do pacote de BrOffice.org e Gimp: juntamente com a instalação do programa na máquina, os migrantes eram convidados a realizar oficinas de cada um dos softwares livres acima citados. As oficinas tinham duração de

1h30 a 2h cada, e foram ministradas pelos educadores da própria equipe de migração.

3ª Fase:

a) Encontro de avaliação da 2ª Fase: no movimento da práxis, em que Paulo Freire tanto insistiu, os coordenadores mais uma vez foram convidados para sistematizar em um instrumental as avaliações de suas equipes acerca de toda 2ª Fase da migração. Essas avaliações foram apresentadas, no período da tarde, em um encontro interno.

b) Desinstalação do MS Office e Instalação de Mozilla Firefox e Thunderbird: uma das ações mais críticas da migração foi o momento de ter desinstalado da máquina dos migrantes o pacote de escritório proprietário, e agora somente fazer uso do livre. Foram instalados também o navegador de internet livre e o gerenciador de e-mail livre. Esta ação requereu um atendimento intenso da equipe de migração da instituição para não deixar os usuários sem suporte nos momentos em que os problemas apareciam.

c) Construção de material didático acerca do sistema operacional livre Kubuntu: atendendo a necessidade da fase seguinte, foi preparado o material didático, que chamamos de tutorial, que viria a subsidiar o uso do sistema operacional livre.

4ª Fase:

a) Evento de abertura da 4ª Fase: devido à especificidade e à importância da quarta fase, foi promovido um evento de abertura desta fase, com exposição dos materiais produzidos, presença/fala de Sérgio Amadeu e Carlos Cecconi e apresentação de vários vídeos e áudios livres, entre outras atividades.

b) Desinstalação do MS Windows e Instalação do GNU/Linux: mais um momento crítico da migração. Agora além de retirar os programas proprietários de costume, foi a hora de retirar toda a plataforma, todo o sistema operacional proprietário, e usar **somente** o sistema operacional livre, GNU/Linux.

c) Oficinas do GNU/Linux (Kubuntu): como na 2ª Fase, foram promovidas para os migrantes, oficinas do sistema operacional livre que escolhemos, o Kubuntu, uma variação do conhecido Ubuntu. As oficinas tiveram duração de 1h30 a 2h, e foram ministradas pela equipe de informática da instituição.

5ª Fase:

a) Avaliação da migração: este será o momento em que toda a instituição será reunida para avaliar o seu processo de migração para software livre, apontar o que foi bom, o que não foi, o que precisa ser melhorado.

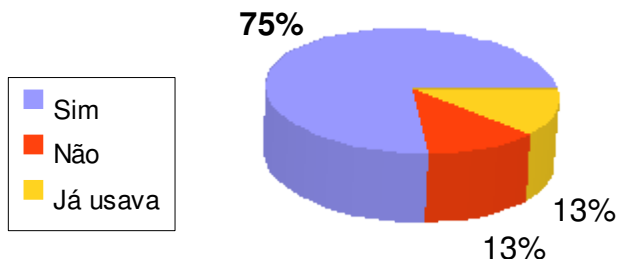
3) SOFTWARE LIVRE: UMA REALIDADE NA INSTITUIÇÃO

A migração para software livre no IPF está chegando ao fim. Durante toda a experiência diversos objetivos foram alcançados, e muitos aprendizados foram possíveis. Entre as muitas, podemos citar o princípio de uma mudança cultural e a migração das máquinas.

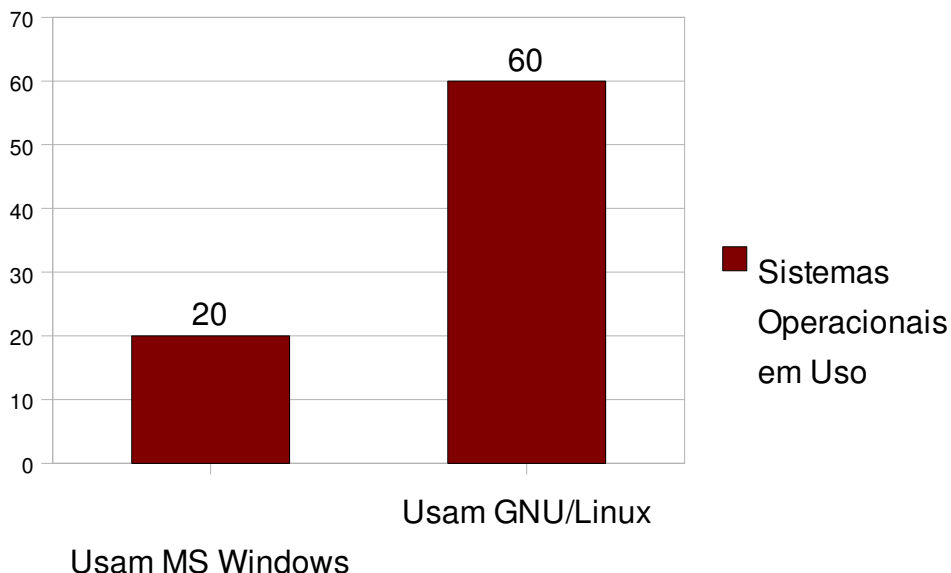
O princípio de mudança cultural, de descolonização das mentes foi uma das mudanças mais importantes de todo este processo. Mais importante que migrar de programas, é preciso migrar a mente. **Romper com o opressor hospedado**, mudar a nossa forma de enxergar o mundo como refletia Paulo Freire. O começo desta ruptura foi perceptível, em muitos, nas respostas dos migrantes aos questionários. As questões que se referiam diretamente a este aspecto eram referentes aos motivos que impulsionaram o migrante a migrar para software livre e se estaria disposto a usá-lo em outros espaços, como em sua casa. Entendemos que a mudança cultural se dá em um processo que, normalmente, não é rápido, mas acreditamos que as ações da migração foram elementos desencadeadores para uma ruptura com essa “cultura proprietária”.

A partir da sistematização das respostas dos questionários com relação às motivações para a migração, foram 28 migrantes, do universo de 32, que afirmaram terem sido motivados para realizar a sua migração para software livre, independente da opção institucional. Para alguns destes, entretanto, a razão de sua migração era estritamente a possível “obrigatoriedade” institucional. Com relação ao uso em outros espaços, tivemos 24 migrantes interessados usar o software livre fora da instituição e 4 que já faziam uso deste conforme gráfico abaixo:

Usaria softwares livres em outros espaços?



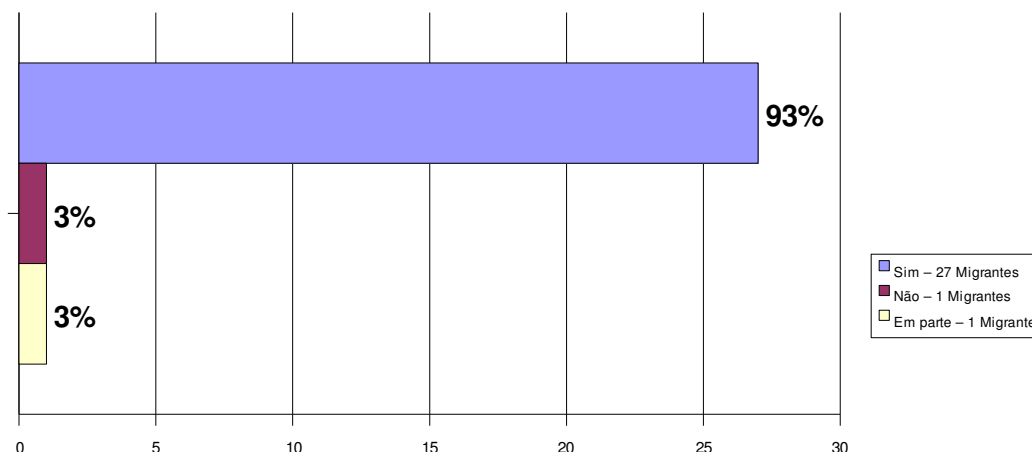
A instituição, atualmente (outubro de 2007), conta com um parque tecnológico de 80 computadores incluindo estações de trabalho e notebooks. Destas 80 máquinas, 20 ainda continuam usando os dois pacotes de escritório (ao final dessa fase pretende-se eliminar a maioria dos *MS Office*, mantendo-o somente onde este for imprescindível), e 60 máquinas utilizam somente o BrOffice.org. Com relação ao sistema operacional, temos 60 máquinas (75%) somente com **GNU/Linux**, 20 máquinas (25%) somente com *MS Windows*.



Um último dado relevante advieram das respostas que buscavam verificar, junto aos entrevistados, se a experiência havia sido conduzida a partir de princípios freirianos ou não. A sistematização revelou que 27 migrantes

(93,10%) consideraram que a experiência **foi freiriana**, 1 migrante (3,45%) respondeu que **não** e outra respondeu **em parte**.

A migração esteve de acordo com os princípios freirianos?



4) O QUE APRENDEMOS E O QUE PROPOMOS

Emigrar do software proprietário para o software livre não é processo fácil para grande parte das pessoas. Existem certas dimensões que mexem profundamente com o ser, sobretudo, quando este *habitus*¹ está intrinsecamente fixado no próprio ser daquele que deseja migrar. Freire relembra no seu livro “Pedagogia da Esperança” o quanto era difícil para alguns de seus colegas exilados desprender-se do seu país de origem e aprenderem a viver no que ele chamou de cotidiano/realidade/contexto de empréstimo.

Conheci exilados que só a partir do quarto e do quinto anos de exílio começaram a comprar um ou outro móvel para suas casas. Era como se suas casas semivazias falassem com eloqüência de sua lealdade à terra distante. Mais ainda, era como se suas salas semivazias não

¹ O conceito de 'habitus' surge com o sociólogo [Pierre Bourdieu](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu) e é considerado como constituindo *todas as experiências passadas, matriz de percepções, apreciações e ações. É uma percepção interacionista da sociedade.* O habitus está inerente a cada actor social e de certa forma define-o, tal como aos seus gostos e estilo de vida, estando associado à pertença a uma classe social, e tendo de ser ajustado quando existe mobilidade. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Habitus>>. Acesso em: 7 ago. 2007.

apenas quisessem dizer de seu anseio de voltar, mas já fossem o começo da volta mesma. A casa semivazia diminuía o sentimento de culpa de ter deixado o chão primeiro [...] Na verdade, um dos sérios problemas do exilado ou exilada está em como lidar, de corpo inteiro, com sentimentos, desejos, razão, recordação, conhecimentos acumulados, visões do mundo, com a tensão entre o hoje sendo vivido na realidade de empréstimo e o ontem, no seu contexto de origem, de que chegou carregado de marcas fundamentais (FREIRE, 1992, p. 33-34).

Migrar para software livre, para grande parte dos migrantes, tem um quê desse sofrer. Não é um processo fácil, mesmo para aqueles que aceitam essa mudança voluntariamente e de bom grado. São, pelo menos, 22 anos de uso de um sistema operacional proprietário desde de sua concepção em 1985. Muitos chegaram a usar essas primeiras versões e todas as suas posteriores. Foram muitos anos de introjeção de uma concepção opressora nestas mentes. Em alguns casos temos limitações técnicas com relação ao uso do software livre, e em outros, certas opções são feitas por desconhecimento das implicações político-filosóficas do uso destes softwares, sem esquecer dos interesses econômicos que caminham junto com essas opções tanto de um lado quanto do outro.

Mesmo tendo oportunidade de clarear os fundamentos político-filosóficos e as implicações do uso do software proprietário, mesmo optando com clareza pelo software livre, os condicionamentos são muitos. Cada usuário tem impregnado em si uma série de saberes e movimentos automatizados que precisam ser ressignificados. Não é um processo simples. Ainda mais quando se está sob pressão do tempo de demandas que exigem respostas rápidas. É preciso haver uma conjunção de esforços e ajustes entre as pessoas e as dinâmicas cotidianas do trabalho institucional para que haja um movimento de suporte para que a mudança se consolide. Esforços que também se estendem na luta por políticas públicas que valorizem e democratizem o acesso ao mundo digital, sustentado pelo uso de softwares livres.

É, muitas vezes, este “opressor no oprimido” que além de admirar as coisas do opressor, pretende voltar a elas, porque tudo do opressor é melhor do que do oprimido. Freire afirma:

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior” (FREIRE, 1970, p. 49).

A partir da constatação de que a migração não é um processo fácil de se realizar e da reflexão acerca da nossa prática na experiência de migração do Instituto, que nos propusemos nessa pesquisa a apresentar uma proposta de migração para software livre. A nossa proposta foi também organizada em cinco fases, e por limitações de espaço não poderão ser detalhadas aqui, mas somente citadas.

a) A PRIMEIRA FASE: SENSIBILIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA

Sistema operacional em uso	Pacote de Escritório em uso	Navegador Web em uso
<i>MS Windows</i>	<i>MS Office</i>	<i>MS Internet Explorer</i>

Esta fase é constituída de sete grandes momentos. A **Sensibilização-Conscientização**, a Constituição da **Equipe de Migração**, a Construção da Primeira Versão do **Plano de Migração**, o **Diálogo** sobre o Plano de Migração, a **Aprovação** do Plano de Migração, a **Equipe de Migração** em ação e o Desenvolvimento de **Material Didático** para as **Oficinas** do BrOffice.org Writer, Calc, Impress e Gimp.

b) A SEGUNDA FASE: APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO

Sistema operacional em uso	Pacote de Escritório em uso	Navegador Web em uso
<i>MS Windows</i>	BrOffice.org e <i>MS Office</i>	Mozilla Firefox e <i>MS Internet Explorer</i>

Esta fase é constituída de seis grandes momentos. As **instalações** do BrOffice.org, Gimp e Mozilla Firefox, o Envio do **Instrumental Pré-oficina**, as **Oficinas** sobre o Programa BrOffice.org Writer/Calc/Impress e Gimp, **A equipe de suporte** em ação, o Encontro de **Avaliação** da 1ª e 2ª Fase e o Desenvolvimento de **material didático** para a oficina do Mozilla Firefox e o Mozilla Thunderbird (caso seja usado).

c) A TERCEIRA FASE: RUPTURA

Sistema operacional em uso	Pacote de Escritório em uso	Navegador Web em uso
<i>MS Windows</i>	BrOffice.org	Mozilla Firefox

Esta fase é constituída de seis grandes momentos. A **desinstalação** do pacote *MS Office*, o Envio de **Instrumental Pré-Oficina**, a **Instalação** do Mozilla Thunderbird e migração do *MS Outlook Express* (caso seja usado), a **Migração** do *MS Internet Explorer*, as **Oficinas** do Mozilla Firefox e Mozilla Thunderbird e o Desenvolvimento de **material didático** para a oficina do sistema operacional livre (Ubuntu/Kubuntu).

d) A QUARTA FASE: MIGRAÇÃO

Sistema operacional em uso	Pacote de Escritório em uso	Navegador Web em uso
<i>GNU/Linux</i>	BrOffice.org	Mozilla Firefox

Esta fase é constituída de quatro grandes momentos. O Evento de

Inauguração da 4ª Fase da Migração, a **Instalação** do GNU/Linux e migração do *MS Windows*, o Envio do **Instrumental Pré-Oficina** e as **Oficinas** sobre o Sistema Operacional GNU/Linux.

5) A QUINTA FASE: AVALIAÇÃO E FESTA

Sistema operacional em uso	Pacote de Escritório em uso	Navegador Web em uso
GNU/Linux	BrOffice.org	Mozilla Firefox

Esta é constituída de um último momento: o Círculo de Cultura de **Avaliação** da Migração.

5) ALIMENTANDO O DIÁLOGO...

Acreditamos que a **formação** tem um papel imprescindível em processos de migração para software livre e que a migração pressupõe um grande desafio **pedagógico**.

O suporte – auxílio técnico na solução de problemas e dificuldades – garantido a todos que vivenciaram o processo da migração foi certamente um dos espaços mais freqüentes e mais intensos de formação, tanto para quem oferecia a mão quanto para quem a recebia. As oficinas e os eventos eram momentos pontuais no processo, já o suporte, o momento para retirar dúvidas, ensinar um novo procedimento, ajudar a localizar um documento no momento de desespero, solucionar um problema físico no computador, todas essas ações eram constantes em toda a migração, requeriam muita paciência, generosidade e tranqüilidade da equipe de suporte para atender a todas as demandas.

Esse trabalho de suporte, em grande parte das instituições, é estritamente feito por técnicos, que não possuem formação pedagógica. A nossa experiência revela a necessidade de os técnicos de informática possuírem formação pedagógica. O trabalho desses técnicos, em uma perspectiva dialógica e emancipadora, não pode dar-se de forma alheia à dimensão pedagógica. Eles possuem um saber e uma experiência, mas não

conseguem compartilhar e aprender junto. Como ensinar sem formação alguma na área pedagógica? Não se pode ensinar **de qualquer forma**, como **eu** acho que deve ser. Existem teorias do conhecimento desenvolvidas sobre o processo de ensino de ensino e aprendizagem como a desenvolvida por Paulo Freire no seu livro “Pedagogia da Autonomia” que devem ser estudadas, refletidas e postas em prática. A atividade de suporte é imprescindível para garantir o “sucesso” da experiência de migração. Fundamentados no conhecido princípio da administração, no princípio da impessoalidade, a área da tecnologia acaba por criar cada vez mais intermediários entre o migrante e si. São telefones, computadores, manuais, apostilas que, nesse contexto, só servem para tornar a relação entre migrante e técnico mais distante, mais fria, não humanizadora (no sentido de promover a possibilidade de aprendizado, reflexão, proposição). O ser humano é visto como máquina que, ao receber uns comandos, vai agir conforme a programação. Precisamos superar esta visão.

A experiência do Instituto não teria acontecido da forma que aconteceu se não fosse por conta de todos os educadores que foram sujeitos desse processo. Foram eles que tornaram humana essa experiência de migração, que aproximou da realidade de cada pessoa, de cada equipe a migração, que preparou materiais com uma linguagem adequada para a compreensão dos migrantes, que idealizou a metodologia de todas as oficinas, que pensou as linhas gerais de todo o processo. Aprendemos que a experiência de migração para software livre é, em grande medida, uma experiência pedagógica, e como processo pedagógico pressupõe uma pedagogia, um caminho de orientação, pressupõe desaprender determinados movimentos impregnados em nós, construir novos saberes e novas práticas, fazendo-se portanto imprescindível a presença dos educadores.

Por fim, insistimos que migrar não é um processo fácil. **Paulo Freire** deu, e tem dado pela atualidade do seu pensamento, fortes indicações de como realizar esse processo do modo mais pedagógico, respeitoso possível por meio de categorias como **diálogo, construção democrática, esperança, paciência, luta, resistência**, entre outras que embasaram esse trabalho e toda essa experiência de migração, inspirando uma verdadeira **Pedagogia da Migração**.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 245 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. New York: Herder & Herder, 1970 (manuscrito em português de 1968). Publicado com Prefácio de Ernani Maria Fiori. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 218 p. (23 ed., 1994, 184 p.).

INSTITUTO PAULO FREIRE. **2º Encontro de Formação**: gravação em vídeo. São Paulo: IPF, 2006a.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Avaliação da Primeira Etapa do Processo de Migração**: Impressões da Equipe de Migração. São Paulo: IPF, 2006b.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 197?. v. 1.